

**A VEZ E A VOZ DAS MINORIAS ÉTNICAS:
ESTRATÉGIAS FEMININAS DE RESISTÊNCIA NA OBRA DA
ESCRITORA CHICANA HELENA MARÍA VIRAMONTES**

**The time and the voice of ethnic minorities: women's resistance strategies in
the work of Chicana writer Helena María Viramontes**

Mônica Castello Branco de Oliveira¹

RESUMO: As minorias étnicas, quase sempre sem vez e voz, enfrentam uma difícil situação nos Estados Unidos e veem-se diante de apenas duas alternativas: assimilar ou perecer. No que concerne aos mexicano-americanos, os escritores pós-coloniais apontam uma saída alternativa: a adoção da língua do colonizador com o objetivo de serem mais amplamente ouvidos. O trabalho de Helena María Viramontes enfoca a mulher chicana que sofre dupla colonização, mas que desenvolve estratégias de resistência e subversão que vão do uso desestabilizador do silêncio, permeando o resgate de mitos e lendas sobre mulheres fortes, e a linguagem, chegando ao recurso radical do grito, tanto em si propriamente ditos quanto em suas possíveis vertentes metafóricas. A psicanálise, através de Freud e Lacan, ilumina a voz do feminino.

Palavras-chave: minorias étnicas; vozes femininas; estratégias de resistência.

ABSTRACT: The ethnic minorities, almost always with no agency and voice, undergo a difficult situation in The United States and are faced with only two alternatives: assimilate or perish. Concerning Mexican-Americans, the postcolonial writers point to an alternative way out: the adoption of the colonizer's language aiming at being more widely heard. The work of Helena María Viramontes focuses on the Chicana who suffers a double colonization, but develops strategies of resistance and subversion which go from the destabilizing use of silence, pervading the rescue of myths and legends about strong women, and the language, ultimately reaching the radical resource of the scream, both on the denotative and the metaphorical levels. Psychoanalysis, through Freud and Lacan, highlights the feminine voice.

Key-words: ethnic minorities; female voices; strategies of resistance.

No início do século XX, somente 500.000 latinos viviam nos EUA. Desde então, esse número vem aumentando e, segundo Sônia Torres em *Nosotros in USA*, a população

¹ Mestre em Literaturas de Língua Inglesa ó UERJ; professora da FERLAGOS e da UNESA.
xxmoninfante@yahoo.com.br

hispanica representará, em 2050, um quarto da população dos EUA (TORRES,2001, p.3). A previsão é de que, por volta de 2100, um em cada três americanos seja latino. Essa latinização dos EUA implica em aquisição de poder político por parte dos latinos, ou, mais especificamente, dos hispânicos. Isto pode ser constatado quando verificamos que Bill Clinton deveu sua eleição, em grande parte, aos votos dos latinos. A verdade é que, atualmente, os latinos representam a maior minoria étnica nos EUA, ultrapassando a população negra. De acordo com Zygmunt Bauman, em *Comunidade*, a minoria étnica é uma rubrica sob a qual se escondem ou são escondidas entidades sociais de tipos diferentes, e o que as faz diferentes raramente é explicitado (BAUMAN, 2003, p. 83).

É importante mencionar que, apesar dos dados acima citados e da presença massiva de hispânicos nos EUA, os americanos continuam negando-lhes aceitação nos setores político, econômico, social e cultural. Considerados como o Outro, os hispânicos veem ignoradas suas diferenças nacionais, culturais e raciais e fechado o seu espaço dentro da cultura dominante. Como explica Robert Redfield, as minorias étnicas são antes e acima de tudo produtos de limites impostos de fora e só secundariamente de autocercamento (BAUMAN, 2003, p.83).

Neste trabalho, tratarei apenas de um segmento dessa minoria étnica de origem hispânica: os mexicano-americanos e cidadãos estadunidenses de origem mexicana ou mexicanos radicados nos Estados Unidos. Os mexicano-americanos são também chamados chicanos, uma forma originalmente pejorativa utilizada nos Estados Unidos pela sociedade branca até ser reapropriado pelo Movimento Chicano dos anos 60 e 70. Desde então, o termo guarda uma forte conotação política e denominam-se chicanos os mexicano-americanos engajados na luta por igualdade social.

O caso dos chicanos merece especial atenção, uma vez que eles não representam uma minoria étnica que invadiu outro país. O Texas pertencia ao México e foi, no século XIX, anexado aos EUA. Após a guerra entre o México e os Estados Unidos, o México perdeu, em 1848, o equivalente à metade de seu território, ou seja, o que corresponde, atualmente, aos estados da Califórnia, Novo México, Nevada, e partes do Colorado, Arizona e Utah (TINDALL & SHI, 1996, pp. 587-597). Razões políticas e econômicas, assim como a distorção dos direitos universais do homem, fizeram com que os mexicanos se tornassem estrangeiros em seu próprio país.

É exatamente enfrentando essas relações de dominação que o chicano, enquanto

sujeito subalterno pós-colonial, vê-se diante de apenas duas alternativas apontadas por Bauman: assimilar ou perecer. Ele explica:

As duas alternativas apontavam em última análise para o mesmo resultado. A primeira significava a aniquilação da diferença, e a segunda a aniquilação do diferente, mas nenhuma delas deixava espaço para sobrevivência da comunidade. O propósito das pressões pela assimilação era despojar os outros de sua alteridade: torná-los indistinguíveis do resto do corpo da nação, digeri-los completamente e dissolver sua idiosincrasia no composto uniforme da identidade nacional (BAUMAN, 2003, p. 85).

Não há como questionar a posição de Bauman sobre a difícil situação das minorias étnicas, cujo destino é determinado pela maioria dominante. Basta olharmos para a situação dos índios brasileiros: os que tentaram a primeira opção, ou seja, a assimilação, encontram-se discriminados pela sociedade por trazerem a sua marca do Outro; os que continuaram leais às suas tradições encontram-se perecendo aos poucos e levando consigo sua história e cultura. Bauman reafirma sua posição ao dizer:

Não há solução evidente e sem riscos para o dilema enfrentado pelas pessoas declaradas minorias étnicas pelos promotores da unidade nacional. Além disso, se aqueles que aceitaram a oferta de assimilação cortarem os laços com os antigos irmãos para provarem a lealdade inabalável para com os novos irmãos por escolha serão imediatamente suspeitos do vício mortal da traição. Se, porém, decidirem se engajar em trabalho comunitário para ajudar os irmãos por nascimento a se elevarem coletivamente da inferioridade coletiva e da discriminação sofrida coletivamente serão imediatamente acusados de duplicidade e terão que responder: de que lado estão? (BAUMAN, 2003, p.87).

No entanto, os escritores pós-coloniais apontam uma saída alternativa para os representantes desses grupos minoritários: a adoção da língua do colonizador (embora com sensação de traição à sua língua nativa) com o objetivo de serem mais amplamente ouvidos e, com isso, denunciarem a opressão do sistema colonial e reverterem, subverterem e reescreverem a História. Em vista disto, meu propósito é, portanto, focar a mulher chicana enquanto sujeito subalterno pós-colonial, já que esta mulher é fruto de uma dupla colonização: a ideologia colonial e a ideologia patriarcal. Embora os estudos pós-coloniais sobre as mulheres sejam relativamente recentes, muito se tem a aprender com as estratégias de subversão e resistência por elas desenvolvidas, que vão do uso sutilmente desestabilizador do silêncio, passando pelo resgate de mitos e lendas sobre mulheres fortes, pela linguagem,

chegando ao recurso radical do grito, tanto em si propriamente ditos quanto em suas possíveis vertentes metafóricas.

Desde a Grécia Antiga todo um modelo de pensamento foi sendo construído em função da eterna busca humana de sentido para a existência. Paralelamente, foi surgindo um dizer sobre os corpos que, curiosamente, parece ter deixado fortes traços, e, dentre eles, a polarização em termos de ativo e passivo da relação homem-mulher.

Uma ãhierarquização da almaõ a isto veio se agregar, dando margem a que, alguns séculos depois, o cristianismo destinasse o corpo feminino a uma associação com o pecado e com a doença. Se estes precisavam ser evitados e controlados, a medicina e as práticas higienistas do século XVIII logo tomaram para si esta incumbência, encontrando nas figuras da mãe zelosa e da esposa contida as imagens ideais da mulher, ou seja, aquela que melhor se prestava aos projetos sociais e políticos da nova era que se inaugurava. E aí, se excessos e anseios sensuais não cabiam, logo a eles a histeria viria se amarrar, sendo entendida como uma doença derivada da ãnaturalõ tendência feminina para a volúpia e da qual poucas mulheres poderiam escapar.

Sabemos que a psicanálise foi inventada graças ao discurso da histérica. Quando Freud procura o sentido do sintoma, no início são suas pacientes que lhe permitem se orientar. Ele ousa confiar em suas vozes, operando um deslocamento de um ãolharõ sobre os sintomas para a ãescutaõ de um dizer sobre eles. Desta forma, reservou ao feminino um lugar central, articulado à emergência de um sujeito que ignora o que o determina. Ao estudar as histéricas, Freud constatou que havia uma cisão na consciência, pois sob hipnose a paciente se lembrava do trauma e não apresentava o sintoma; porém, quando em estado de vigília, o sintoma retornava e havia o esquecimento do trauma, normalmente associado à sexualidade.

Ele propõe, então, a noção do inconsciente no sentido substantivo e não mais como um adjetivo que se referia às ideias apagadas da memória. Esta ideia implica em entender a força do inconsciente na vida mental consciente, ou seja, o inconsciente recalado e pulsional terá um papel preponderante na determinação do sentimento, pensamento e comportamento do homem. Dessa forma, Freud apresenta um homem da desrazão, isto é, o homem não mais é gerido pela razão cartesiana (*cogito, ergo sum*), mas pela desrazão inconsciente. Freud, referindo-se ao inconsciente, diz que esta é a terceira grande ferida narcísica produzida pelo conhecimento: a primeira foi a teoria do heliocentrismo; a segunda, a teoria da evolução das espécies; a terceira, o inconsciente quando afirma que ãeu existo onde não pensoõ.

A psicanálise alavancou uma transformação no surgimento de uma nova mulher, ao final do século XIX. As mulheres vienenses, prontamente, aceitavam o convite de Freud para falar sobre o que as fazia sofrer. Oprimidas por uma forte sociedade patriarcal, consideradas seres inferiores, impedidas de uma vida pública e do excesso de exercício intelectual, temiam o tão chamado colapso psiquiátrico, caso ultrapassassem a esfera doméstica (PORTER, 1987, p. 152).

Em seus estudos, Freud constatou que o sujeito está no término e não no começo, pelo fato de, sendo gerido pelo inconsciente, onde as emoções e as ideias, por conta da sua construção individual, e estando impossibilitadas pelo recalque de virem à consciência, pressionam e levam o sujeito à ação, à repetição (FREUD, 1920, p. 26-33). Ou seja, Freud nos mostra que muito nos precede até chegarmos à vida adulta. O psiquismo não está lá desde sempre, mas nosso desejo dos pais sobre cada um de nós está. O psiquismo se constitui na relação com o outro; o bebê não sabe de si e será o outro que o nomeará, que o inserirá na ordem do simbólico, onde a linguagem é o bem maior.

E é exatamente a partir da linguagem, da enunciação e da aquisição de voz que abordarei a literatura chicana escrita por mulheres, que objetiva subverter tanto a ideologia patriarcal quanto a ideologia pós-colonial. Afinal, o próprio Freud, esgotado em sua busca e confrontado com seus limites, disse: "Consultem os poetas" (SZTAINBERG, 1999), de alguma sorte intuindo que a arte é uma resposta a todas as questões e demonstrando assim consciência do seu poder transgressor e revolucionário.

As estratégias de resistência das chamadas feministas de cor, sua luta contra a opressão e a submissão impostas pelo sistema patriarcal, assim como sua busca de identidade e aquisição de voz são retratadas de forma poética e contundente pelas escritoras chicanas como Sandra Cisneros, Helena María Viramontes, Glória Anzaldúa, Ana Castillo e Cherríe Moraga, para citar apenas algumas delas. Essas estratégias englobam o silêncio, a linguagem e a incorporação de três mitos que têm sido de grande importância, uma vez que eles retratam mulheres que transgridem sua cultura, lutam por vez e por voz, e não podem ser silenciadas ou contidas: *La Malinche*, *La Llorona* e *The Hungry Woman*.

La Malinche refere-se a Malintzin Tenepal, uma jovem de uma família azteca que, rejeitada pela mãe, foi vendida como escrava de tribo em tribo, o que lhe permitiu o aprendizado de vários dialetos. Quando os espanhóis invadiram o México em 1521, Malintzin lhes foi oferecida como presente. Logo, tornou-se amante, tradutora e intérprete de Hernán

Cortés, desempenhando papel importante na conquista do México, uma vez que, mais do que tradutora, ela dava conselhos a Cortés e às tribos indígenas, facilitando a conquista espanhola e contribuindo para a formação de uma nova cultura, com características indígenas e espanholas.

No entanto, *La Malinche* é considerada uma traidora pelo povo mexicano, sendo comum referir-se a ela como *la Chingada (the fucked one)*, a mãe que vendeu seus filhos a um povo estrangeiro. Neste ponto, é de fundamental importância a alusão a Freud e seu conceito de compulsão à repetição. Segundo ele, esse é um processo de origem inconsciente pelo qual o indivíduo se coloca ativamente em situações penosas, repetindo experiências antigas sem se recordar do protótipo e tendo, pelo contrário, a impressão de que se trata de algo plenamente motivado na atualidade (FREUD, 1920, p. 26-33). *La Malinche* havia sido vendida pela mãe e, ao unir-se a Cortés, vendeu os índios e suas terras à Espanha. Repetiu, portanto, a penosa experiência vivida na infância. Paradoxalmente, ela tem um outro papel: o de ser a mãe simbólica do povo mexicano, já que seu filho com Cortés, Martín, foi o primeiro *õmestizoö*.

Muitas mulheres que participaram do Movimento Chicano dos anos 60 e 70 foram apelidadas de *õMalinchesö*, uma vez que seus maridos e os chicanos de forma geral acreditavam ser o lar o seu lugar. Sob a ótica masculina, chicanos e chicanas sofriam o mesmo tipo de opressão. Para as chicanas, contudo, a opressão não era fruto somente da sua condição subalterna pós-colonial, mas também da tradicional interpretação masculina da sua cultura.

As escritoras chicanas, a partir dos anos 80, começaram a revisitar o mito de *La Malinche*, subvertendo a tradicional visão mexicana. Para elas, *La Malinche* não é uma vítima, seduzida pelo invasor, mas uma mulher que fez uma escolha. Sua mediação durante a invasão espanhola contribuiu para evitar a aniquilação de inúmeras tribos indígenas no México.

Em muitas lendas, o mito de *La Malinche* se funde com o mito de *La Llorona*, a mulher que está constantemente chorando. *La Malinche* torna-se, então, *La Llorona* que chora por Cortés, seus filhos e suas terras perdidas para a Espanha. De acordo com a lenda, *La Llorona* é descendente da deusa Cihuacoatl, que representa as ideias de morte e criação simultaneamente. Torna-se inevitável, nesse ponto, a alusão a Freud e seus conceitos de pulsão de vida e pulsão de morte, apresentados em *õAlém do Princípio de Prazerö* (1920) e por ele sustentados até o fim de sua obra. De acordo com Freud, as pulsões de vida, também

designadas pelo termo *ōErosō*, abrangem não apenas as pulsões sexuais propriamente ditas, mas ainda as pulsões de autoconservação. A elas se contrapõem as pulsões de morte, as quais tendem para a redução completa das tensões, ou seja, a reconduzir o ser vivo ao estado anorgânico (Freud, 1920).

La Llorona é descrita como uma mulher má que afoga seus filhos por loucura, negligência materna ou perda do amante, mas assim como *La Malinche*, é também uma figura contraditória, símbolo da traição e da resistência materna simultaneamente. A imagem de *La Llorona*, como símbolo da resistência materna, data da época da invasão do México pela Espanha. Segundo a lenda, os espanhóis escolhiam as crianças indígenas mais bonitas e as davam de presente às suas esposas. Muitas índias, portanto, preferiam matar seus filhos a entregá-los aos invasores. Para as escritoras chicanas, *La Llorona*, enquanto símbolo de resistência materna, é vista como uma heroína.

As escritoras chicanas não só revisitaram os mitos de *La Malinche* e *La Llorona*, como resgataram o mito asteca *The Hungry Woman*, que nos conta sobre uma mulher que, por ter bocas espalhadas pelo corpo, nunca estava satisfeita ou se silenciava. Considerados conjuntamente, os três mitos funcionam como espaço e modelos de resistência feminina, assim como o silêncio, a linguagem e o grito.

A fim de ilustrar essas estratégias, escolhi a escritora chicana contemporânea, Helena María Viramontes. Na sua coletânea de contos *The Moths and Other Stories* (1985), ela enfoca as batalhas diárias travadas pelas chicanas dentro da família e cultura chicanas, embora o tema central tenha sempre, como pano de fundo, os problemas sociais e culturais enfrentados pela comunidade. No conto *ōThe Mothsō*, a opressão vem de um pai dominador que não aceita a rejeição de sua filha à Igreja. A jovem narradora subverte a opressão patriarcal usando o silêncio como estratégia de resistência. Após ser obrigada pelo pai a ir à missa, ela não se rebela e silenciosamente faz o que quer:

Então eu lavava os pés e calçava meus sapatos pretos de Páscoa que brilhavam com vaselina, pegava meu missal e véu, e me despedia de Amá. Eu caminhava vagarosamente de Lorena até First e até Evergreen, contando os buracos no cimento. Em Evergreen eu virava à esquerda e caminhava para a casa de abuelita. (p. 29)

No que diz respeito ao silêncio que envolve as mulheres, a teórica Trinh T. Minh-Ha explica suas várias implicações e significados:

Dentro do contexto do discurso feminino, o silêncio tem muitas faces. Como o uso do véu, o silêncio somente será subversivo quando liberto do contexto masculino de ausência, falta, e medo como territórios femininos. Por um lado, corremos o risco de inscrever a feminilidade como ausência, falta, e vazio ao negar a importância do ato de enunciação. Por outro lado, entendemos a necessidade de situar as mulheres no espaço da negatividade e das ações em meio tom, por exemplo, em nossas tentativas de minar os sistemas de valores patriarcais. O silêncio é tão comumente colocado em contraste com o discurso: o silêncio como um desejo de nada dizer ou um desejo de desdizer e como uma linguagem própria tem raramente sido explorado (MINH-HA, 1997, p. 416).

Uma estratégia oposta, a linguagem, é usada por Amanda em outro conto, *“The Long Reconciliation”*. Casada com Chato, ela decide abortar devido à pobreza e miséria em que vivem. Ela desafia o marido, a comunidade e a Igreja. Questionando Deus, Amanda usa a palavra (linguagem) para transgredir a ideologia patriarcal:

Sexo é o único prazer que temos... Você, Deus, come e bebe quando quiser, você, lá, não sente o suor e as pragas que infestam nossa pele, você sentado, confortavelmente, com a luxúria da realeza, nos diz que seremos recompensados mais tarde com a morte (p. 90).

O comportamento e o discurso de Amanda são duplamente transgressivos: ela não só aborta o bebê que seu marido tanto deseja, como também comete adultério. O diálogo entre Amanda e seu marido sobre o fato de ela ter matado o bebê, e ele, o amante de Amanda, demonstra a estratégia de resistência e aquisição de poder de Amanda, por meio da linguagem. Quando Chato lhe diz que matou pela honra, ela responde:

... Eu matei pela vida... o que é pior? Você matou porque alguma coisa dizia, “você deve matar para mostrar que é homem” -... Para mim, as coisas são tão diferentes quanto nossos corpos... mas você não conseguiria porque alguma coisa dizia, “você deve ter filhos para mostrar que é homem.” (p. 84)

Para Lacan, o inconsciente é estruturado como linguagem. A linguagem preexiste ao sujeito e, soberana, a tudo permeia. No entanto, o próprio Lacan reconhece que o sujeito da linguagem por ele descoberto é um retorno aos estudos de Freud. A associação livre, que marca o surgimento da psicanálise, é uma prova da intrínseca relação entre o pensamento freudiano e a linguagem (GONÇALVES, 2001, p. 40-41).

Se a linguagem a tudo permeia, sua importância é irrefutável e a ela se imbrica a voz.

Na verdade, Freud trabalhou pouco o tema da voz. Coube a Lacan dedicar-se mais profundamente a seu estudo. Não é meu intuito aqui discorrer sobre a concepção lacaniana da voz, mas, como fartamente me refiro à aquisição de voz pelas chicanas, deixo, então, um breve registro de Lacan: ãa voz é o querer dizer da enunciação, que jamais se esgota ao término do enunciado... a voz é um sopro de vida que impulsiona, puxa as nossas enunciações...ö (GONÇALVES, 2001, p. 59-60).

Ambas as enunciações de Amanda retomadas reforçam a presença de *La Maliche* em seu comportamento, uma vez que ela transgride seu papel de esposa; ela incorpora também a figura mítica da Mulher Faminta (*The Hungry Woman*), a que não pode ser contida, satisfeita ou silenciada.

Em outro conto, ãThe Cariboo Cafeö, logo de início, Viramontes refere-se a imigrantes ilegais que chegam à noite a lugares hostis, em busca de segurança e de uma vida melhor. O leitor é imediatamente colocado em contato com a triste realidade do sujeito pós-colonial em contínuas diásporas. Nesse conto, Sonya e seu irmão Macky vagam pela rua, sempre de olho na polícia norte-americana (*La Migra*), pois Sonya perdeu a chave de casa. Seu refúgio é o *Zero-Zero Place*, um lugar cujo nome original era *The Cariboo Cafe*. Com o tempo, a tinta das letras desapareceu e somente as duas letras O permaneceram. O letreiro tornou-se *OO Cafe*, e as pessoas passaram a chamar o local de *Zero-Zero Place* ou *The Double Zero Cafe*.

Torna-se impossível não pensar nos possíveis significados da expressão OO e na estratégia desconstrutiva da autora, uma vez que o nome vai de *Cariboo* a *Zero-Zero*. Nesse ponto faz-se necessária a referência a Jacques Derrida e seu princípio filosófico conhecido como desconstrução. Cuddon dá a seguinte definição de desconstrução, de acordo como o termo foi concebido por Derrida: ãdesconstrução não é sinônimo de destruição, portanto. Está, de fato, mais perto do sentido original da palavra ãanáliseö que etimologicamente quer dizer ãdesfazerö ó um sinônimo virtual de ãdes-construirö (CUDDON, 1922, p. 222).

De acordo com a definição de Derrida, ao menos quatro sentidos podem ser inferidos da desconstrução da palavra *Cariboo*. O lugar oferece certa hospitalidade, embora seu dono esteja interessado apenas no lucro. Os imigrantes procuram o lugar em busca de sobrevivência e garantem a sobrevivência do dono que, no entanto, examina cada pessoa detalhadamente. Na língua inglesa, a expressão *double O* é uma gíria usada para designar exame minucioso, proveniente de outra expressão onde os dois OO estão presentes (*once-over*). É no café, e

através de seu dono, que o leitor passa a conhecer outros personagens e seus comportamentos, examinados e explicados detalhadamente.

Seguindo os princípios filosóficos da desconstrução, disseminação e transferência de significado, a palavra *cariboo* é originalmente o nome de uma região montanhosa no Canadá, supostamente um lugar agradável para turistas. No entanto, por ser o nome *ocariboo* tão próximo, tanto na escrita quanto na pronúncia, da palavra *caribou*, um animal típico da América do Norte e uma presa fácil para animais maiores e caçadores, nos deparamos com outras possibilidades de interpretação, se levarmos em consideração a situação dos latinos que frequentam o café. Em suma, se o nome do café originalmente significava algo bucólico e romântico, estamos diante de uma situação extremamente irônica e cruel, já que para os latinos o café é exatamente o lugar onde eles podem também encontrar a morte.

Outra possível explicação para a permanência dos dois OO é dada por Ana Maria Carbonell (1999) em *From Llorona To Gritona: Coatlicue in Feminist Tales by Viramontes e Cisneros*. Ela diz que, de acordo com Debra Castillo, as letras remanescentes apontam para um novo nome: *Zero Zero*. A parte que está faltando no letreiro, *Carib*, é o nome de uma das primeiras tribos indígenas conquistadas pelos europeus e implica, então, a aniquilação desses índios. Seguindo essa linha de raciocínio, o café torna-se também um lugar de aniquilação, o que leva novamente à ideia previamente mencionada do *caribou*, presa fácil que corre o risco de ser aniquilada.

Pode-se ainda acrescentar, se levarmos em consideração a dupla exclusão sofrida pela mulher, que a expressão *Double zero* é uma alusão à situação da mulher pós-colonial, oprimida também pelo patriarcalismo.

É exatamente no *Double Zero Cafe* que uma lavadeira de El Salvador, a presa fácil, é morta ao enfrentar a polícia. Essa refugiada tinha um filho chamado Geraldo. Um dia, o menino, que contava apenas cinco anos, saiu para comprar uma manga para sua mãe e foi preso pelos revolucionários da Nicarágua. Desesperada, a lavadeira vê o rosto de seu filho em todos os meninos e, ao encontrar Sonya e Macky no café, fica convencida de que Macky é o seu Geraldo. Ela decide tomar conta das crianças. Certa feita, estando ela e as crianças no café, a polícia chega e ela percebe que fora traída pelo dono do estabelecimento. A lavadeira luta por seu filho, gritando, chorando, juntando-se à *La Llorona* em sua resistência materna. Ela diz: *É a noite de La Llorona. As mulheres surgem das profundezas de sua dor para procurar seus filhos. Junto-me a elas...* (p. 72).

A resistência da lavadeira faz com que ela passe da figura de *La Llorona*, que está constantemente chorando por seus filhos perdidos, para a figura da Gritona, que grita para enfrentar seus opressores. Essa lavadeira ògritonaö não só grita, como também joga café quente no rosto dos policiais e abraça Macky até receber um tiro. Ela é morta, fica banhada em sangue, mas acredita ter reconquistado a maternidade: òEstamos indo para casa. Meu filho e eu.ö (p. 75)

A atitude da lavadeira ao enfrentar a ordem vigente incorpora os três mitos citados. Ela é *La Malinche*, o símbolo da agressão; *La Llorona*, o símbolo da resistência materna, e *The Hungry Woman*, aquela que não pode ser contida, satisfeita ou silenciada.

Helena María Viramontes abraça esses mitos de mulheres fortes como estratégias de resistência feminina. Em sua coletânea *The Moths and Other Stories* acompanhamos a difícil trajetória da mulher, enquanto sujeito subalterno pós-colonial, e a sua conquista de vez e voz, subvertendo, transgredindo e resistindo através do silêncio, da linguagem, do grito e da incorporação de figuras míticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CARBONELL, Ana Maria. From Llorona to Gritona: (1) Coatlicue in Feminist Tales by Viramontes and Cisneros. (Helena Maria Viramontes, Sandra Cisneros) (Critical Essay), 1999. Disponível em: <<http://www.findarticles.com/melus>>.

CUDDON, J.A., ed. *The Penguin Dictionary of Literary Terms and Literary Theory*. New York: Penguin Books, 1992.

GONÇALVES, Luciana A. *A voz na Psicanálise: Um sopro de vida*. Rio de Janeiro: Entreletras, 2001.

FREUD, S. òAlém do Princípio de Prazerö. *Edição Standard Brasileira*, XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

MINH-HÁ, Trinh. òNot You/Like You: Postcolonial Women and the Interlocking Questions of Identity and Differenceö. In: McClintock, Anne *et al.*, eds. *Dangerous Liaisons: Gender, Nation and Postcolonial Perspectives*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

PORTER, R. *Uma História Social da Loucura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.

SZTAINBERG, R. Frida Kahlo: Desamparo Encarnado. Disponível em: <c:\vforum\79.htm>

TINDALL, George Brown & SHI, David E. *America ó A Narrative History*. New York:

Norton, 1996.

TORRES, Sônia. *Nosotros in USA: literatura, etnografia e geografia de resistência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

VIRAMONTES, Helena María. *The Moths and Other Stories*. Houston, Tex: Arte Público Press, 1985.

Recebido em 3 de julho de 2012.

Aceito em 24 de agosto de 2012.